



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

TIC e Ensino Médio: as experiências dos ingressantes do curso de Educação Física de uma Universidade Brasileira

MILANI, A. G.;GERMANO, V.A. C.;DARIDO, S.D.

TIC e Ensino Médio: as experiências dos ingressantes do curso de Educação Física de uma Universidade Brasileira

Amanda Gabriele Milani – UNESP/Rio Claro (manditasgm@hotmail.com);

Vitor Abdias Cabót Germano – UNESP/Rio Claro
(vitor_negrochick@hotmail.com);

Suraya Cristina Darido – UNESP/ Rio Claro (surayacd@rc.unesp.br)

Introdução

As três revoluções técnico-científicas ocorridas na história da humanidade mudaram o paradigma das sociedades. A terceira revolução técnico-científica deu origem à era tecnológica ou da informação, com isso as sociedades atuais possuem meios de comunicação e transporte cada vez mais sofisticados, e as distâncias espaciais são diminuídas, em virtude da globalização, internet e meios de telecomunicações (LIBÂNEO et al., 2005).

Atualmente há uma vasta discussão sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em diferentes instituições, sobretudo nas educacionais. As TIC são originárias da fusão dos componentes técnicos referentes à informática, a comunicação e as mídias eletrônicas (BELLONI, 2005).

Para Kenski (2010) as TIC apresentam como função e produção específicas a informação e comunicação, e suas bases são a linguagem oral, escrita, síntese de sons, imagens e movimentos. Na sociedade da informação e comunicação a inserção das novas tecnologias modificam as formas de se relacionar entre as pessoas, ter acesso a essas tecnologias e possuir habilidade para manuseá-las são cada vez mais fundamentais para gerar e possuir acesso à riqueza, poder e conhecimento (CASTELLS, 1999 apud SILVA, 2011).

Com a intenção de democratizar o acesso aos meios tecnológicos, diversas políticas governamentais foram implantadas pelo Ministério da Educação (MEC) para inserção dessas tecnologias nas escolas públicas brasileiras. Entre elas destacam-se os Projetos Educação por Computador - EDUCOM, Formar, Formar I e Formar II, o Programa Nacional de Informática Educativa – PRONINFE, o - Programa Nacional de Informática na Educação - PROINFO, o Projeto um Computador por Aluno- UCA, o Projeto Um *Tablet* por aluno – UTA- o Programa Rede Interativa de Educação- RIVED e o Portal do Professor (ALMEIDA, 2000).

Será que as escolas públicas brasileiras com sua frágil estrutura, poucos investimentos, e altos índices de analfabetismo, apresentam condições de se responsabilizar por uma educação tecnológica? Será que educar para tecnologia é realmente uma função que a instituição escolar deve desempenhar?

Considerando a escola como uma instituição educacional republicana, devendo proporcionar ao aluno maneiras diferenciadas de compreender o mundo das oferecidas por outras instituições (família, igreja etc.), sendo um espaço no qual ocorre à valorização da democratização da sociedade nos diversos âmbitos (social, político, econômico, cultural etc.) e onde todos devem atuar ativamente na direção da sociedade. Entende-se que o ensino voltado para reflexão, utilização e inserção das TIC se faz necessário, sendo uma oportunidade de propiciar aos alunos o acesso aos

meios tecnológicos para integrar e interagir na sociedade atual (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2009).

Segundo Pretto (2008), mesmo a escola não sendo o único espaço para construção de saber, o aluno deve ter acesso as TIC na escola, pois além de possibilitar ao aluno menos favorecido o contato aos meios tecnológicos, é na escola que se discutirá a utilização desses recursos de forma crítica, e para isso o professor deve estar preparado para enfrentar o novo sem medo.

Porém, a simples inserção das TIC na escola do modo como tem sido realizada, pouco contribuirá para a melhoria da educação. Uma vez que as escolas não possuem equipamentos suficientes para os alunos, não há manutenção desses equipamentos quando eles apresentam problemas de funcionamento, os cursos de formação de professores apenas trabalham com questões de caráter técnico-instrumental, são poucas as propostas de caráter pedagógico, e os professores não recebem nenhuma formação destinada a incorporação das TIC em suas práticas pedagógicas durante a formação inicial.

Ademais, outros fatores também são apontados como barreiras ou entraves na incorporação das TIC no ambiente educacional, tais como a não preocupação frente a formação dos “nativos digitais” para apropriação crítica e criativa das novas tecnologias da informação e comunicação; a ausência e/ou escassez de políticas públicas e recursos para as ações; a falta de conhecimento dos conceitos, estratégias falhas ou “receitas prontas” para sala de aula, no lugar de uma reflexão sobre o tema na formação de educadores; o sobressalto de experiências pautadas nos efeitos negativos das TIC as quais tendem a afastá-las do meio educacional, em lugar da compreensão das implicações sociais, culturais e educativas; ou mesmo a incorporação das TIC na escola de maneira meramente instrumental, sem a reflexão de mensagens e contextos de produção (BEVÓRT; BELLONI, 2009; FREITAS, 2010).

Enfim, sem um planejamento adequado, com políticas de formação dos professores para além da instrumentalização técnica, com manutenção dos equipamentos, acesso a uma internet de boa qualidade, e que durante a formação inicial dos professores ocorra um trabalho que objetive tratar as possibilidades de uso das TIC no contexto escolar, pouco se avançará para além “do mais do mesmo”, ou seja, além do que já se faz sem os recursos tecnológicos.

O processo de inclusão digital é o primeiro passo para integrar o aluno na sociedade da informação, porém apenas incluir esses indivíduos não basta. A sociedade atual exige pessoas letradas digitalmente, que saibam utilizar e usufruir das TIC em toda sua potencialidade. Freitas (2010, p.339) compreende o letramento digital a partir de uma perspectiva ampliada, como o “conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica”, são informações com múltiplos formatos, originários de variadas fontes e são apresentadas por meio do computador e internet. Deste modo a escola deveria proporcionar ao aluno o desenvolvimento dessas competências, para que ele saia de uma posição de consumidor acrítico das TIC, para ser um indivíduo autônomo e crítico sobre as tecnologias utilizando-as como estratégia para alcançar seus objetivos e compreender e se relacionar na sociedade.

Ensino Médio no Brasil

A educação brasileira está organizada na Educação Básica e Ensino Superior. A Educação Básica tem a função de contribuir para o desenvolvimento do educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e quem sabe em estudos posteriores,

sendo composta pelas seguintes etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (DCNs/Brasil,1998).

O Ensino Médio corresponde à finalização da Educação Básica, sua duração é de três anos (1º ano; 2º ano e 3º ano do Ensino Médio). A partir da Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional (LDB; 1996) houve a possibilidade de articular em conjunto com essa etapa de ensino o caráter de profissionalizante, ou seja, o aluno se forma também em um nível técnico, isso ocorreu por meio do artigo 36- A, que prevê a preparação para o exercício de profissões técnicas (DCNs/ BRASIL, 2013). Mas, vale ressaltar que não são todas as escolas de Ensino Médio que apresentam cursos com caráter técnico.

Embora a oferta dessa etapa de ensino esteja crescendo nos últimos anos, ainda há muitos desafios a serem superados, uma vez que 50% dos jovens de 15 a 17 anos ainda não atingiram o Ensino Médio e milhões de jovens com mais de 18 anos não o concluíram (DCNs/Brasil,1998). O aumento da oferta de vagas no Ensino Médio acarretou em uma grande diversidade de alunos, oriundos em sua maioria de famílias de classe trabalhadora, no tocante da escola pública.

Como tentativa de superar esses desafios, diferentes documentos legais foram lançados na década de 1990 e 2000 com o objetivo de repensar o Ensino Médio na busca de uma melhor qualidade. Temos como exemplo a LDB (BRASIL/96), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs/ Brasil, 1998), o parecer CNE/CEB Nº 5/2011 que propõe algumas alterações nas DCNs (1998), e o mais recente as DCNs (BRASIL, 2013).

De acordo com as DCNs (BRASIL, 2013) as escolas públicas brasileiras, atendem uma gama diversificada de adolescentes, jovens e adultos e que se diferenciam em vários aspectos, entre eles perspectivas de futuros desiguais. É sugerido nesse documento que o Ensino Médio trabalhe nesse sentido, dando oportunidade aos diferentes estudantes de terem acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho, a fim de superar as desigualdades sociais.

Outra orientação para o Ensino Médio é a incorporação do uso das TIC no processo educacional, pois elas contribuem para tirar o aluno da posição de passividade, tornando-o agente da construção do seu próprio conhecimento, além de instrumentalizar os estudantes ao domínio de um contingente de conhecimentos que são cada vez mais necessários na sociedade da informação, contribuindo para acabar com o processo de exclusão digital, que ainda é uma realidade no Brasil (BRASIL, 2013).

A inserção das TIC no processo educacional se faz cada dia mais necessário, uma vez que a geração de alunos, atualmente, convive diariamente com essas tecnologias a todo instante. Deste modo se faz necessário adequar os métodos de ensino com a realidade dos alunos, mas questiona-se, quem são os alunos do Ensino Médio? Quais suas características? O que os diferenciam dos alunos de antigamente? Segundo com Prensky (2001):

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo game, tocadores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001, p.1).

Este autor, que é uma referência na área de educação e tecnologias, afirma que os jovens de hoje processam e se apropriam das informações de modo diferente das gerações passadas e, por isso são considerados “nativos digitais”. Isso se atribui

pelo fato de hoje se viver cercado das tecnologias (KENSKI, 2010), embora para muitas pessoas isso passe de modo “natural” e despercebido.

Convive-se com uma série de implementos com as mais diversas características e funcionalidades que nos rodeiam a todo instante, como a própria televisão ou rádio e suas propagandas, os outdoors espalhados nas cidades, à posse de aparelhos portáteis de produção, reprodução e armazenamento de dados entre outros elementos.

Tal qual é a veracidade desses elementos que hoje se tem o que é conhecida como a Geração Z. Essa denominação deriva do termo “zapear”, ou seja, pelo fato dos jovens contemporâneos frequentemente realizarem múltiplas tarefas ao mesmo tempo, onde estas geralmente são mediadas pelas TIC como ouvir música, conversar em rede, assistir a televisão etc (PRENKY, 2001; FANTIN; RIVOTELLA, 2010). Segundo Freire Filho e Lemos (2008), este título, Geração Z, busca explicar o domínio e a capacidade que as pessoas nascidas nas últimas décadas, interagem e se utilizam das TIC para as mais diferentes intencionalidades, que podem estar associadas ao lazer e entretenimento; na busca de informações e aprendizagem; na socialização; na construção de identidade social ou personalidade entre outros.

Alguns dados compilados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a partir da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra à Domicílio) no período de 2005 a 2009, demonstraram que os jovens representam uma parcela significativa se tratando do acesso à internet e posse de telefonia móvel (IBGE, 2011), corroborando com evidências de que este público tem uma ligação peculiar com as TIC.

Nesse sentido, compreende-se que tais comportamentos, comuns entre os jovens, podem dar indícios de uma nova cultura juvenil, o que na maioria das vezes, é visto de forma espetacularizada e eufórica pelas reportagens divulgadas na mídia que abordam esse tema, o que para Freire Filho e Lemos (2008) necessita de um olhar mais aprofundado sobre o assunto.

De acordo com Carrano (2010), há vários fatores que influenciam e balizam o que é ser jovem nos dias de hoje, como os próprios avanços científico-tecnológicos, o acesso à informação, o enfraquecimento do Estado, da escola e agentes tradicionais (família, partidos, igreja) entre outros aspectos.

Tratando-se especificamente do meio educacional, o mesmo autor aponta que um dos problemas existentes está ligado a incomunicabilidade entre os sujeitos escolares, melhor dizendo, no afastamento entre alunos e professores que estaria vinculado a falta de conhecimento, ou até mesmo, ignorância das instituições e profissionais educacionais frente ao universo o qual os jovens estão inseridos (CARRANO, 2010), o que pode ser visto em relação as TIC na educação.

Talvez um dos aspectos mais importantes nesse cenário que engloba educação e tecnologias, seja a formação do professor. Não há dúvidas que houve (e ainda há) políticas de inserção das TIC na educação, porém mais do que equipar toda a escola com as mais diversas tecnologias, em primeiro lugar, é preciso que os professores saibam como utilizá-las de maneira ampla e crítica, para que não cometam os mesmos erros de acreditar que o simples fato de trocar o papel pelo computador já seja suficiente, ou mesmo, serem induzidos ao discurso da “evolução da educação” levando a constante necessidade de adequação e, conseqüentemente a compra de novos produtos (FREITAS, 2010; SILVA, 2011).

Numa analogia discutindo as condições do professor e as instituições educacionais, Silva (2011) levanta que o “rei está nu” (professor) enquanto toda a escola “já vestiu a roupa”, para tanto uma das primeiras prioridades é “vestir o rei”, ou seja, investir no professor, com salário digno, boa formação, motivado e dando-lhes a possibilidade de projeções futuras, para assim incorporarem novos hábitos à sua prática pedagógica.

Segundo Freitas (2010), a formação inicial e continuada dos cursos de licenciatura ainda não incorporaram a temática referente às TIC em seus currículos. Porém, assim como nas diversas instituições sociais, as tecnologias também deveriam se tornar uma prioridade para Educação (KENSKI, 2010).

Dada a atual conjuntura, tem-se que uma das funções sociais da Educação é a integração do educando em consonância com as demandas sociais e culturais, e é nesse sentido que a incorporação das TIC se torna essencial nos processos educacionais (BÉVORT; BELLONI, 2009; KENSKI; 2010, BELLONI, 2012).

Parte-se da premissa que a utilização das TIC de maneira contextualizada pode contribuir para o processo de ensino, desse modo, tornando o ensino mais próximo da realidade dos alunos; um ensino mais atrativo e motivador; novas possibilidades de interação entre alunos e professores e; caso tenha a intenção, possibilidade de extensão da aprendizagem para fora da escola.

Objetivo

O objetivo dessa pesquisa foi verificar quais experiências pedagógicas, um grupo de alunos ingressantes no curso de Educação Física de uma Universidade Estadual pública brasileira vivenciou durante o Ensino Médio.

Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo descritiva. De acordo com Oliveira (2007) este tipo de pesquisa analisa o objeto investigado para além do experimento, se propondo a aprofundar e detalhar os fatos ou fenômenos investigados. Os participantes da pesquisa somam um total de 33 alunos ingressantes no curso de Educação Física, de uma Universidade Estadual brasileira, localizada no Estado de São Paulo, sendo eles 18 do sexo masculino e 15 do sexo feminino com idade entre 17 anos e 23 anos.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário semiestruturado, no qual continha questões abertas e fechadas. A utilização do questionário se mostra favorável, uma vez que sua aplicação pode ser realizada em um grande número de pessoas ao mesmo tempo sendo menos dispendioso; sua estrutura padronizada permite maior igualdade para análise dos dados e, devido ao seu caráter, os participantes se sentem menos pressionados para respondê-lo (GOLDENBERG, 2000).

O questionário era composto de três partes com finalidades distintas. A primeira buscava identificar o participante; a segunda verificar como ele se utiliza das TIC no seu cotidiano e a terceira, quais as experiências que eles tiveram com o uso das TIC durante o Ensino Médio.

Resultados e Discussão

A fim de atender ao objetivo dessa pesquisa, será apresentado apenas os resultados correspondentes a terceira parte do questionário, referente às experiências que os participantes vivenciaram com o uso das TIC durante o Ensino Médio. Os resultados apontam que 29 das 33 escolas frequentadas pelos participantes possuíam laboratório de informática, contudo a frequência que os professores os utilizavam era de aproximadamente uma vez a cada dois meses.

Ressalta-se que 75,75% dos alunos são oriundos de escolas particulares. Costa (2012) apresenta em pesquisa realizada em 2011 com 497 escolas públicas e 153 escolas particulares brasileiras, que o laboratório de informática continua sendo o

espaço onde os professores utilizam os computadores com mais frequência com os alunos, sendo também onde as máquinas estão mais acessíveis a eles, uma vez que 86% das escolas públicas possuem laboratórios de informática, e 78% da rede particular.

A baixa frequência pela qual os professores utilizavam os laboratórios de informática, pode ser justificada por conta da infraestrutura das escolas, que na maioria dos casos, não é suficiente para atender adequadamente toda demanda escolar. As escolas têm autonomia para gerenciar como ocorrerá a utilização dos laboratórios de informática. Há escolas que onde o professor tem liberdade para fazer uso no momento que assim desejar, apenas agendando com antecedência.

Outras para evitar monopólio de um único professor, prefere agendar um dia específico para cada professor com as diferentes turmas pela qual ele é responsável, garantindo que todos os alunos vivenciem a utilização do laboratório de informática com todos os componentes curriculares. Ambas as situações apresentam potencialidades e limites, o ideal seria que as escolas tivessem uma melhor infraestrutura, onde os alunos e professores pudessem utilizar os computadores na sala de aula, mas essa realidade ainda está distante de ocorrer nos colégios brasileiros tanto públicos como privados.

Em relação à TIC mais utilizada pelos professores destacam-se o computador e o retroprojetor que são usualmente utilizados para pesquisas e apresentação sobre o conteúdo. O uso do computador refere-se na utilização dos que estão localizados nos laboratórios de informática, embora ainda de acordo com a pesquisa apresentada por Costa (2012) há uma crescente no uso dos computadores nas salas de aulas, sendo que no período de 2010 a 2011, os professores que fazem uso das TIC na sala de aula saltaram de 7% para 13%, sendo essa porcentagem bem maior as escolas particulares, que correspondem a 34%.

A pesquisa TIC educação 2013, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) revela que em 2013, houve um aumento na utilização de computadores e internet por professores na sala de aula das escolas da rede pública representando um valor de 46%.

A Biologia e a História foram os componentes curriculares que mais utilizaram as TIC no processo de ensino e aprendizagem, a Educação Física nesse quesito não foi assinalada por nenhum participante. Esse fato pode corresponder que na história desse componente curricular o aspecto prático sempre foi muito presente (DARIDO, 2005). Sendo as aulas de Educação Física limitadas à ocupação de espaços como quadras poliesportivas, ou pátios e os materiais utilizados se restringiam a bolas, cordas e cones.

Embora a Educação Física na escola atual, se encontre num momento de transição, como diria González e Fensterseifer (2009), a Educação Física se encontra “entre o não mais, e ainda não”, ou seja, já se sabe que a Educação Física na escola não deve ser exclusivamente prática, sendo os esportes tradicionais os principais conteúdos, porém ainda se presencia essas práticas em muitas escolas brasileiras.

Fato também vivenciado pelos participantes da pesquisa que caracterizaram suas aulas de Educação Física no Ensino Médio como exclusivamente prática, sendo os esportes tradicionais o único conteúdo ensinado. Considera-se a Educação Física na escola, como um componente curricular que deve estar articulado ao projeto político e pedagógico da escola, sendo assim a utilização das TIC também se faz necessária nas aulas de Educação Física.

Diferentes iniciativas, sobretudo nas Universidades, estão ocorrendo para modificar esse quadro. Um exemplo disso é o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da Unesp, campus de Rio Claro. Eles se caracterizam como

um programa interdisciplinar que se propõe a estudar as Tecnologias da Informação e Comunicação e suas interfaces com a área de conhecimento da Educação Física. O LETPEF (Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física), cuja Educação Física escolar é objeto de estudo, está se dedicando nos últimos anos a pensar sobre o uso das TIC nas aulas de Educação Física na escola.

Sob a orientação da Professora Doutora Suraya Cristina Darido, várias dissertações buscaram pesquisar as diferentes possibilidades de aliar as TIC com as aulas de Educação Física, como por exemplos as pesquisas desenvolvidas por Carvalho (2010) que elaborou um vídeo para tratar do conteúdo da ginástica; Silva (2012) que utilizou o blog para auxiliar os professores no ensino da capoeira; Diniz (2014) que também utilizou o blog, mas para tratar o conteúdo de atividades rítmicas presente no currículo de Educação Física do Estado de São Paulo; e Ferreira (2014) que investigou os jogos digitais como apoio pedagógico para o trato dos conteúdos da Educação Física baseado no mesmo currículo citado anteriormente.

Em todas essas pesquisas verificou-se as TIC como um importante aliado para o processo de ensino e aprendizagem, porém constatou-se que as escolas ainda não estão preparadas para recebe-las, pois não apresentam uma infraestrutura adequada para comportar todas as possibilidades de inserção das TIC no ambiente educacional.

A TIC utilizada com maior frequência pelo professor de Educação Física, segundo os participantes dessa pesquisa foi o vídeo. Essa TIC, se mostra como um interessante recurso que pode ser utilizada com variadas finalidades, de acordo com Betti baseado em Morán (1995) o vídeo pode ser utilizado nas aulas de Educação Física a fim de sensibilizar, ilustrar ou como conteúdo de ensino.

O vídeo é utilizado como sensibilização quando se quer iniciar, ou introduzir um novo assunto, visando despertar o interesse, a curiosidade e a motivação dos alunos. A ilustração ocorre quando se quer mostrar o que está sendo tratado em sala de aula, para ajudar o aluno a compreender o desconhecido. O vídeo utilizado como conteúdo de ensino, aborda o conteúdo de maneira direta, apresentando informações e as principais características do mesmo.

De acordo com Betti (2001) a incorporação da mídia, por meio do vídeo, nas aulas de Educação Física a partir de uma perspectiva vivência/conhecimento/ reflexão apresenta as seguintes vantagens:

- (1) motiva ao debate e à reflexão, por tratar de assuntos atuais e polêmicos, sobre os quais em geral os alunos já possuem informações;
- (2) a linguagem jornalística é atraente para os alunos, é mais sintética e muitas vezes conjugada com imagens e recursos gráficos;
- (3) as produções audiovisuais conseguem dar destaque e importância para informações que às vezes o próprio professor transmite, mas não obtém repercussão satisfatória;
- (4) os vídeos podem sintetizar muito conteúdo em pouco tempo, e substituir com vantagem aulas expositivas ou textos escritos;
- (5) no caso da televisão, a imagem nos atinge primeiro pela emoção, e a partir deste primeiro impacto, que comove o aluno, o professor pode mediar uma interpretação mais racionalizada e crítica (BETTI, 2001).

Contudo por meio dos questionários respondidos pelos participantes, percebe-se que os professores utilizavam o vídeo de maneira geral como ilustração ou como conteúdo de ensino. O vídeo era utilizado de modo instrumental não havendo uma reflexão crítica a cerca do conteúdo presente no vídeo ou na sua própria utilização. Frente as variedades de TIC presentes na atualidade, o vídeo apresenta grandes possibilidades pedagógicas, porém no contexto atual não há como se limitar a utilização dessa TIC, é importante que os professores não só os de Educação Física, mas também os responsáveis por outros componentes curriculares explorem e

aproveitem ao máximo as possibilidades que as TIC oferecem, utilizando de vídeo, computador, celulares, redes sociais; blogs; videogames, entre outros.

Considerações Finais

As TIC desenvolvidas na era da informação e/ou comunicação estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e o conhecimento a seu respeito está sendo cada dia mais exigido para a inclusão dos indivíduos nessa sociedade. A escola como uma instituição republicana deve oportunizar tanto a inclusão digital, quanto o letramento digital de seus alunos para que estes possam compreender as TIC de forma crítica, não sendo apenas consumidores passivos dessas tecnologias.

Por meio da presente pesquisa verificou-se que os alunos ingressantes no curso de Educação Física de uma Universidade Estadual brasileira, não tiveram muitas experiências com a utilização das TIC no processo de aprendizagem durante o Ensino Médio. As principais TIC utilizadas foram o computador e o retroprojetor, porém elas aconteciam de maneira pontual e com pouca frequência.

De modo geral todos os componentes curriculares faziam um uso limitado das TIC, dentre eles os que mais se destacaram foram os componentes curriculares de História e Biologia. A Educação Física foi muito pouco mencionada em relação ao uso das TIC no processo de ensino e aprendizagem.

Acredita-se que esse é um problema dos cursos de licenciatura de modo geral, pois ainda há uma pequena parcela de cursos de formação inicial que oferecem durante essa formação experiências, discussões e reflexões para se inserir e pensar as TIC no processo educacional.

A inserção das TIC não proporcionará a melhoria da qualidade na educação se não for utilizada de forma planejada, com políticas completas que além de disponibilizarem computadores suficientes para todos os alunos, ofereçam também a manutenção dos equipamentos, formação para professores com caráter pedagógico, integração de um profissional especializado para ser responsável pelo laboratório de informática, internet de boa qualidade etc.

É necessário também que pesquisas, congressos, *workshops*, cursos, disciplinas de graduação e pós-graduação, se proponham a pesquisar a inserção das TIC tanto na Educação Básica, como no Ensino Superior para que se explorem as potencialidades que essas tecnologias têm para oferecer.

Isso não exclui a necessidade de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho do professor, parte-se da premissa de que essas questões são fundamentais. Se o professor não for bem preparado, possuir condições dignas de trabalho e boa remuneração, nem a mais alta tecnologia resolverá o problema educacional brasileiro.

Considera-se que as TIC devem estar presentes nas diferentes etapas da Educação Básica, porém é indispensável que o aluno no Ensino Médio, esteja incluído e letrado digitalmente, para que ele possa se inserir na sociedade da informação com melhores oportunidades de trabalho, assim como dar continuidade aos estudos cursando uma Universidade de qualidade. Deste modo as tecnologias devem tornar-se cada vez mais objeto de estudo da educação, de modo que seus limites sejam desvendados e suas potencialidades exaltadas, mas de forma crítica e consciente a fim de utilizá-la sempre a favor do ser humano.

Referências

ALMEIDA, M. E. (2000). *Proinfo: Informática e Formação de Professores*. Brasília: MEC/SEED. (Séries de Estudos à Distância, 1).

BELLONI, M. L. (2005). *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2 ed.

BELLONI, M.L. (2012). *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores associados, 3. ed. (Coleções polêmicas de nosso tempo).

BETTI, B. (2001). “Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar”. *Motriz*. Vol. 7, n.2 p.125-129.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. (2009). “Mídia-educação: conceitos, histórias e perspectivas”. *Revista Educação e Sociedade*. Vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, s.

BRASIL. (1996). *Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez.

BRASIL. (2011). Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. *Parecer CNE/CEB nº5/2011, aprovado em 5 de maio de 2011*. Diretrizes +Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Brasília.

BRASIL. (1998). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI.

BRASIL. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI.

CARRANO, P. (2010). “Identidades culturais juvenis na escola: arenas de conflitos e possibilidades”. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Vozes. 4 ed.

CARVALHO, A. (2010). *Ginástica na escola: da organização curricular a essencialidade do ensino*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. (2014). Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil – TIC Educação 2013.

COSTA, M. M. (2012). *Computador está na sala de aula em 21% das escolas particulares*. Último Segundo-IG. [site]. [Acesso 10/8/2014].

DARIDO, S. C. (2005). “Os conteúdos da Educação Física na escola”. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord.) *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.122-136.

DINIZ, I. K. S. (2014). *Blog educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do currículo de educação física do estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano E Tecnologias) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (2010). "Crianças na Era Digital: desafios da comunicação e da educação". *Revista de Estudos Universitários*. Vol. 36, n. 1, p. 89-104.

FERREIRA, A. F. (2014). *Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de educação física escolar pautadas no currículo do estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina.

FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J. F. (2008). "Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a "Geração Digital" na mídia impressa brasileira". *Comunicação, Mídia e Consumo*. Vol. 5, n. 13, p. 11-25.

FREITAS, M. T. (2010). "Letramento digital e formação de professores". *Educação em Revista*. Vol. 26, n. 3.

Goldenberg, M. (2000). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 3ª ed.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (2009). "Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não-lugar da EF escolar I". *Caderno de Formação RBCE*. Vol. 1, p. 9-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2013). *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) - Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (2011)*, Rio de Janeiro.

KENSKI, V. M. (2010). *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 6 ed.

LIBÂNIO, J. C.; TOSCHI, M. S.; OLIVEIRA, J. F. (2005). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez Editora, 2. ed.

PRETTO, N. (2010). *Escola como Espaço de Inclusão Digital*. Palestra. 5º Seminário Regional de Inclusão Digital e Software Livre. Universidade de Passo Fundo: UPF.

PRENSKY, M. (2001). *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon / NCB University Press. Tradução de R. M. J. de Souza. Vol. 9, No 5, 2001

SILVA, A. C. (2011). "Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática". *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Vol. 19, n. 72, p. 527-554.

SILVA, L. M. F. (2012). *O ensino da capoeira na educação física escolar: blog como apoio pedagógico*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.